

Reunião de europeus tenta salvar a Grécia

AGENCIA REUTERS

Negociações sobre resgate bilionário a Atenas podem ser encerradas hoje; bancos europeus deverão contribuir para o plano

Pacote de resgate da economia grega deverá ser aprovado, em Bruxelas, no domingo, horas após a Grécia anunciar plano de arrocho

Os ministros das Finanças da zona do euro devem se reunir neste fim de semana para chegar a um acordo sobre os detalhes que faltam para o multibilionário pacote de empréstimos direcionado ao resgate da tumultuada economia grega.

A Comissão Européia anunciou que as negociações sobre a ajuda seriam encerradas até hoje e um porta-voz da União Monetária Européia disse que o programa de austeridade grego será anunciado na manhã do domingo, em Atenas, e que os ministros se reuniriam horas mais tarde em Bruxelas para aprovar o pacote e determinar seu montante final.

Os bancos europeus também contribuirão para o resgate de bilhões de euros a Grécia, anunciou a Alemanha ontem, enquanto avançavam as negociações para garantir apoio da União Européia e do FMI a Atenas, em troca de drásticos cortes no orçamento do país. O envolvimento do setor privado facilitaria aos governos da UE convencer os contribuintes céticos a resgatar a Grécia.

Guido Westerwelle, primeiro-ministro assistente da Alemanha, comparou a necessidade de o setor privado apoiar Atenas ao tributo que Berlim planeja impor aos bancos alemães como seguro contra futuras crises bancárias. “Espero que, da mesma forma que os bancos alemães terão de aceitar participação nas conseqüências da crise econômica e financeira por meio do famoso imposto bancário que nosso governo concordou em criar, os bancos da Europa façam a sua contribuição – e a farão”, disse.

A Grécia está preparando severas medidas de austeridade para reduzir o déficit em € 24 bilhões e ganhar acesso a assistência de até € 120 bilhões em prazo de três anos, do FMI e UE. Os investidores esperam que isso impeça que a crise se espalhe por outras economias.

Mas o governo grego terá de enfrentar uma batalha com os sindicatos que estão irados diante da escala dos cortes.

Uma fonte bem posicionada no setor bancário disse a Reuters que Josef Ackermann, presidente-executivo do Deutsche Bank, a pedido do ministro das Finanças alemão, estava ajudando a coordenar os esforços do setor privado alemão em apoio ao pacote de resgate.

O consórcio já prometeu contribuir com até € 2 bilhões, a que pode envolver a compra de títulos do governo grego, ainda que não tenha surgido um acordo formal até o momento, afirmou a fonte. Ainda não estava claro exatamente quais bancos contribuiriam, ou de que forma.

A idéia que serve de base ao consórcio é a de que, caso as mercados considerem que a setor privado está levando a sério a dívida da Grécia, outras companhias podem seguir esse exemplo, a que ajudaria a estabilizar os mercados nervosos.

Embora restem barreiras políticas, o pacote deve conquistar a aprovação unânime requerida dos países do euro.

O governo alemão só reunirá na segunda-feira a fim de aprovar um anteprojeto de lei para conceder empréstimos a Atenas. O governo, em seguida, tentará obter a aprovação do texto na câmara baixa do Legislativo alemão até a sexta-feira.

A despeito das perspectivas de curto prazo favoráveis à aprovação pelos países da zona do euro, continuam a existir sérias dúvidas quanto à manutenção em longo prazo dos compromissos dos governos europeus para com a Grécia, especialmente caso os gregos não consigam cumprir as metas de redução orçamentária.

Inquietações sociais podem impedir o primeiro-ministro, George Papandreou, de forçar a aprovação das medidas de austeridade. Uma nova pesquisa mostrou que 51% dos gregos estão dispostos a sair às ruas contra os planos. Hoje haverá milhares deles participando de protestos de 10 de Maio. O sindicato dos funcionários públicos convocou uma greve de quatro horas para a terça, além da greve nacional de quarta.

Berlim importa mais que Atenas ou Bruxelas

Sejam € 45 bilhões, sejam € 120 bilhões, a salada grega que virou a crise da dívida europeia é fartamente regada a cerveja. Para estancar o desvario do mercado — que amplifica a chance real de calote —, o que acontece em Berlim tem mais importância do que o que acontece em Atenas ou Bruxelas.

Paralisados diante da forte oposição popular doméstica a um socorro a Grécia e a uma agressiva campanha de mídia, os legisladores alemães estão sentados sobre o pacote grego. Sem seu aval, não sai a ajuda alemã — que equivale, no plano original, a 30% da oferta de € 30 bilhões dos países da zona do euro. Sem Alemanha, não há ajuda da zona do euro.

E, sem ajuda da zona do euro, a UE não quer o Fundo Monetário Internacional — talvez seja tarde demais para o bloco temer sair da história parecendo incompetente, mas a condição primeira para Atenas recorrer ao fundo é que € 2 em cada € 3 pingados em seu prato venham de cofres europeus.

Isso seja qual for o tamanho do pacote. Segundo os deputados que se reuniram na quarta com o presidente do Banco Central Europeu, Jean-Claude Thchet, e com o diretor-gerente do EMI, Dominique StraussKahn, se o socorro total for a 120 bilhões, C 50 bilhões viriam da UE, e a Alemanha, major economia do bloco, dobraria seu aporte.

Promessas

Mas como dobrar ou triplicar o valor do pacote se em primeiro lugar não há pacote aprovado? Há promessas, sim. Da chanceler Angela Merkel, que vem tendo seu capital político aos poucos dilapidado. Seus ex-parceiros de coalizão viraram oposição, e agora se multiplicam os desacordos até mesmo dentro da atual coalizão governista (seu número 2, Guido Westerwelle, opõe-se vocalmente ao socorro).

Não resolve, tampouco, Bruxelas prometer rapidez. Mesmo que os detalhes do acordo sejam lapidados neste fim de semana, os parlamentares alemães já disseram que só devem levar o tema a análise perto do dia 10. E continuam exigindo de Atenas um arrocho maior e major.

E possível, assim, que, a cinco dias de a Grécia prestar contas a UR sobre o andamento de seu plano fiscal e com € 20 bilhões em títulos vencendo, o pacote ainda esteja flutuando no Bundestag (Parlamento).

Azar dos bancos do país, que têm em seus livros praticamente um quinto da dívida grega. Em situação pior do que a deles, só os franceses, credores de quase um terço do que deve Atenas. Paris tem sido a voz mais alta por uma ação rápida.